

## CARLOS ARTHUR: IR A TOMÁS POR ELE MESMO!

por Paulo Faitanin – UFF.



Carlos Arthur

Dr. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento é graduado em Filosofia (1955-1957) e em Teologia (1958-1961) pelo *Studium Generale* da Província Dominicana Bartolomeu de Las Casas do Brasil (na época, Província de Santo Tomás de Aquino). Doutorou-se em Filosofia (PhD Sciences Médiévales) pelo Instituto de Estudos Medievais da *Université de Montreal*, no Canadá. Foi professor no *Studium Generale* Dominicano e na UNESP (Assis e Marília). É atualmente professor titular aposentado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da *UNICAMP* e professor assistente doutor do Departamento de Filosofia da *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. Autor de vários artigos e livros o Dr. Carlos Arthur é referência em estudos medievais no Brasil, especialmente sobre o pensamento de Santo Tomás de Aquino. A *aquinate.net* agradece ao Prof. Carlos Arthur por sua gentil disponibilidade em responder estas questões.

### ENTREVISTA:

1. Em seu livro *De Tomás de Aquino a Galileu* [São Paulo: Unicamp, 1995, pp. 13-97] o Sr. trata de uma questão tomista de grande importância para o pensamento contemporâneo: o estatuto epistemológico das ciências intermediárias. Em face disso qual é a grande contribuição tomista para a modernidade?

Em primeiro lugar, uma questão de terminologia: talvez seja melhor evitar o adjetivo ‘tomista’, porque pode induzir a equívocos. Por exemplo, pensar que, de Sto. Tomás aos seus discípulos da escolástica barroca (séc. XVI – XVII) e à neo-escolástica do séc. XIX há uma perfeita continuidade. Isto não quer dizer que autores como Tomás de Vio (Cajetano), João Poinot (João de Sto. Tomás) ou Joseph Maréchal, ou Jacques Maritain sejam autores sem importância ou que não possam contribuir para o entendimento de Tomás de Aquino. Por outro lado, como a alternativa utilizada por alguns autores, isto é, ‘tomasiano’ é muito feia, o melhor mesmo seria usar ‘de Tomás de Aquino’ ou ‘de Sto. Tomás’. Quanto à primeira observação, a respeito do termo ‘tomista’, pode-se consultar o livro de Géry Prouvost, *Thomas d’Aquin et les thomismes*. Paris: Cerf, 1996.

Dito isto, não me arriscaria a responder “qual é a grande contribuição tomista para a modernidade”. Permanecendo dentro da questão do conhecimento, talvez se possa dizer que Sto. Tomás fornece uma teoria do conhecimento equilibrada entre o empirismo e o racionalismo. Analogamente, à tomada de posição de E. Kant em relação a Hume e os racionalistas continentais, Tomás de Aquino toma posição entre os pré-socráticos (Demócrito, sobretudo) e Platão (de fato, o Avicenisimo agostinizante contemporâneo a ele). Diz ele que pretende seguir, na trilha de Aristóteles, um caminho intermediário (via media) entre os dois (Ia, Q. 84, a. 6). Na realidade, Tomás, retoma o tratamento básico do conhecimento humano por Aristóteles, mas integra esta abordagem dentro de uma visão hierárquica das coisas considerando o conhecimento intelectual humano como uma forma de conhecimento intelectual situada abaixo do conhecimento intelectual das inteligências puras (anjos) e colocando como fundamento último de todo conhecimento o próprio Deus, intelecto e inteligível subsistentes (Agostinho). Por outro lado integra no seu estudo do conhecimento intelectual humano a maneira como Dionísio considera o conhecimento humano de Deus, isto é, basicamente negativo.

2. O tema do conhecimento é uma constante em seus escritos. Há muito o Sr. escreveu um artigo ["Conhecer para dominar: Rogério Bacon" In: Uma História da Filosofia -verdade, conhecimento e poder. Rio de Janeiro: Univerta, UFRJ, 1988, pp. 115-147], cujo tema nos aponta para uma questão atualíssima: o conhecimento é uma forma de domínio? Qual é a visão tomista deste poder do conhecimento?

Rogério Bacon, contemporâneo de Sto. Tomás, é muito mais explícito na sua consideração do conhecimento da natureza em termos de utilização pelo homem das forças naturais. Neste sentido há um inegável paralelo entre os dois Bacons, Roger e Francis, bem como com Descartes: como disse Brecht, a finalidade da ciência é aliviar as canseiras humanas ou mesmo, como disseram Descartes e o primeiro Bacon, prolongar a vida humana, tendo Descartes até mesmo sonhado que poderíamos afastar indefinidamente a morte. Sto. Tomás é inegavelmente menos explícito a este respeito. De qualquer maneira ele reconhece o papel das ciências produtivas (artes mecânicas). Mas Sto. Tomás se orienta muito mais na direção do conhecimento teórico, contemplativo. No final das contas, o que polarizaria a vida humana seria a contemplação do próprio Deus.

3. Quais os temas tomistas que mais fascinam o Sr. e por quê?

O estudo de Sto. Tomás no meu caso derivou de muitas circunstâncias aleatórias. Quando comecei a participar da Ordem Dominicana em 1954, a última coisa em que poderia pensar era me tornar um estudioso de Tomás de Aquino ou de um modo mais geral do pensamento filosófico e teológico da Idade Média. Depois que deixei a Ordem em 1973, cheguei, por circunstâncias do meio universitário da década de 70, a pensar em me dedicar ao estudo de Maquiavel. Não me senti muito à vontade com o ilustre florentino. Daí ter bandado para Galileu. Obviamente que fui percebendo concretamente os elementos “medievais” presentes na obra de Galileu. Acontece que, no momento em que estava tendo um conhecimento melhor deste, a Idade Média ficou na moda (década de 80). Neste momento, por solicitação dos alunos, acabei voltando à Idade Média e a Sto. Tomás, mas estudei também (em menor escala) Abelardo, Duns Scot e Guilherme de Ockham. Acho a maneira como Tomás de Aquino trata muitos temas “fascinante”. Por exemplo, sua abordagem da ação humana e o relevo que dá à sabedoria prática (phronesis-prudência). De fato, me dediquei mais ao estudo de temas ligados ao conhecimento, como a teoria das “ciências intermediárias” e o estatuto do conhecimento intelectual humano.

4. Quem é Tomás de Aquino para o Sr. e qual a sua importância para o pensamento contemporâneo?

Como membro da Ordem Dominicana, passei quatro anos (1958-1961) lendo a Suma de Teologia de Tomás de Aquino, guiado por dois excelentes mestres. Isto não se faz impunemente: ainda que quisesse, não conseguiria me despir desta formação intelectual e humana.

O Pe. Henrique Vaz tinha grandes esperanças a respeito de uma espécie de retorno de Tomás de Aquino no século XXI, inclusive o último volume, VII, dos Escritos de Filosofia aborda este tema. Creio que o pensamento de Tomás de Aquino não fica devendo nada ao de outros grandes e respeitáveis teólogos e filósofos. Se alguém quiser estudá-lo seriamente, poderá aí encontrar inspiração tal como acontece com outros autores.

5. O Sr. é um dos pioneiros na divulgação do pensamento Tomista e Medieval no Brasil. Em nossos dias é crescente o interesse pelo pensamento tomista e medieval. Quais conselhos o Sr. daria para o jovem que deseja estudar o pensamento tomista e medieval?

Como sugeri na resposta à terceira pergunta, podemos chegar ao pensamento de Sto. Tomás e dos demais autores ou escolas ou ainda correntes de



pensamento da Idade Média por caminhos muito variados. Talvez uma atitude importante seja procurar entender o autor (seus escritos) em si mesmo procurando ver quais posições ele adota e como as justifica. Isto levará certamente a perceber a força e a fraqueza de seu pensamento. Não se deveria ter muita pressa em procurar aplicações ou conclusões práticas.